

CEA DESMISTIFICANDO HISTORIA CONTADA PELOS COLONIZADOR

Mamadu Nanque¹, Larissa Oliveira Gabarra²

Resumo: Este trabalho tem como objetivo apresentar a desmistificação da história contada pelos colonizadores, projeto do Centro de Estudos Angolanos - CEA, de modo a permitir que os Angolanos conheçam a “verdadeira” história do seu povo. A ideia do Centro era que cada revolucionário tivesse na sua mente um espírito de preservação de aquilo que do povo Angolano tem de melhor nos tempos pretéritos. O CEA pode ser inserido entre os historiadores Africanos que abordaram o passado com o prisma de que existem pessoas que estão aptas a escrever a história da África a partir da realidade Africana. Alguns intelectuais que podem ser incluídos nesse contexto são Ki-Zerbo, A. Jayi, B. Ogot, T. Obenga, Tamsir Niane e check Anta Djop. Nesse contexto, o CEA foi originário de um movimento chamado FUA que também foi importante para a formação do MPLA, apesar de lutarem por uma escrita da história feita pelos próprios africanos, muitos deles eram brancos ou crioulos, mas que defendiam o interesse de libertar Angola na mão dos colonizadores. Perante este facto, o projeto procura entender a partir de um manual de história do CEA como eles intelectuais pensavam o projeto de nação a partir da categoria de raça no contexto da escrita de uma nova história.

Palavras-chave: História. CEA. Angola .Luta Anticolonial.

INTRODUÇÃO

Analizamos, um manual de história de Angola produzido pela Centro de Estudos Angolanos – CEA. O CEA tinha como ideia principal esclarecer a História de Angola para so Angolano, reescrendo-a sem o filtro do colonizador, muitas vezes opondo-se essa história colonial, em que os Angolanos não eram nem protagonistas, nem vivenciam nenhum tipo de transformação histórica no seu tempo passado.

METODOLOGIA

A metodologia usada ao longo deste trabalho de pesquisa, para a composição deste trabalho foi baseada fundamentalmente na pesquisa bibliográfica e

¹ Discente do curso de História da UNILAB, e-mail: mamadunanque@gmail.com

²² Docente do IHL, coordenadora do projeto Usos e Sentidos do Kongo nos discursos da RDC e Angola, financiado pela FUNCAP. E-mail: larissa.gabarra@unilab.edu.br

crítica interna e externa ao documento. Foram analisados artigos, livros, dissertações de mestrados e tese de Doutorado que tratam da questão da desmistificação na história Africana, contada pelos Europeus.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Quando se fala da história precisa respirar profundamente, dado a sua vitalidade para qualquer que seja o povo, ainda mais quando foi narrada de forma irônica, que é o caso da história do continente Africano, pois sua história foi contada pelos vencedores da conquista do continente. Isso era uma das preocupações dos africanos, que se preocupavam em qual seria o mecanismo para dismantelar essa história colonial. No que concerne o caso Angolano um grupo de jovens intelectuais entendiam a necessidade de contar história Angolana de outra forma para que povo deixasse de consumir a ideia propagada pelos Europeus. Para CEA qualquer revolucionário deve conhecer a história do seu país; esse conhecimento ajudaria a compreender os valores que norteia a ideia revolucionária, que levaria ao espírito patriota para as massas camponesas.

Conhecer a sua própria história é conhecer o seu passado, e também dos seus ancestrais como forma de refletir a realidade que muitos das vezes ignoramos, porque procuramos mais do aquilo que foi explicado pelo ocidente. A história contada pelos europeus é entendida como universal e também incontestável, esse é um dos estereótipos criado pela colonização para poder legitimar a ideia que as histórias dos colonizadores são únicas.

Segundo Farias (2007), o discurso ideológico criado para Hegel ao afirmar que África negra não possui a história, tornou-se o calcanhar de Aquiles para África, de modo que esse discurso consolidou a hegemonia ocidental no mundo. No que concerne a ideia hegeliana de facto é um discurso criado a partir de uma perspectiva de inferiorizar a África. Contudo a sua falsidade que ele incorpora, quando em contraste com a experiência empírica significa uma virada de maré no pensamento. Assim, surgiu vários historiadores Africano a desmistificar, ganhando grande dimensão na arena mundial.

Para Lopes (1995), África foi conhecida apenas pelo ocidente através do paradigma criado pelo Hegel, onde este filosofo descreve o continente Africano como um

espaço inexistente no aspecto histórico antes de colonização. A história deste continente veio sendo associado com presença europeia e a dominação colonial e também ao que refere a sua inserção na economia mundial. Segundo Farias (2007), os Europeus quando queriam penetraram no continente Africano pegaram as especulações feitas por Hegel como forma de se engradecer a Europa e inferiorizar a África, essa teoria passa sendo uma justificação para os colonizadores que África é um espaço inútil, quando autônoma.

Segundo Lopes (1995), a história do continente Africano foi dominada por uma ideia simplista e reducionista sem apresentar as várias complexidades que a envolve, além de que as ideias dos colonizadores eram ambiciosas para não dizer viciosa. Fez-se necessário reescrever a história de Angola, a partir do prisma do passado africano no momento das independências. Porque não era possível um continente tão diversificado, de vários valores que nele se encontram, continuar sendo visto como um espaço de fome, miséria e onde a hostilidade prevalece. Para o colonizador compreendem o berço da humanidade, quer dizer África como um espaço pejorativo, como que muitas das vez entendo que são detentoras de saberes, inferiorizando o outro continente e superiorizando o seu.

Lopes (1995), afirma que essa geração pode ser considerada como uma geração de ideia envelhecida, que diante desse argumento enfático de desmistificar a história colonial, acabaram por criar um argumento próprio, nascido de um imaginário muito inquietante para historiadores Africanos da época, como caso de Ki-Zerbo. Calos Lopes os considera a geração da pirâmide invertida. Essa mesma geração é classificada como a segunda geração, se opondo a primeira que é a colonial. OS historiadores da segunda geração são eles Ki-Zerbo, A. Jayi, B. Ogot, T. Obenga, Tamsir Niane e check Anta Djop. O CEA se insere nessa segunda geração.

Para CEA conhecer história de Angola é conhecer passado do povo Angolanos, de como perpetuaram as resistências a ocupação até a luta de libertação; é ajudar a compreender como que foi constituído a pátria Angolana com sua diversidade étnica; e, ajudar a compreensão de como ocorreu a própria colonização. O CEA queria que o manual História de Angola ajudasse os militantes e revolucionários Angolanos a se integrar com a nova realidade do país. Para CEA o manual servia como um elemento que

iria ajudar na desmistificação daquilo que era falso na história Angolana, que foi contada pelos colonizadores, a partir daí os Angolanos iriam conseguir entender a “verdadeira” história do país, ou seja aquela contada pelos próprios Angolanos. A intensão dos elaboradores do manual era de que, ao consumir tudo que vem de Europa, há uma desvalorização daquilo que é a história própria da África; por isso, era necessário conhecer a história da nação de forma mais ampla e heterodoxa. Isso ajudaria a geração futura a não ficar presa a ideia ocidental.

O objetivo do CEA em relação a reescrita da história de Angola não foi alcançada de maneira a acessar o senso comum e nem mesmo o lugar acadêmico. O discurso da inferiorização africana e da ausência da história tem o seu efeito até dia de hoje, vários escritores que escrevem sobre África, escrevem a partir dos ecos de passado que os colonizadores relataram sobre África, como um espaço onde convivem os animais, fome e miséria.

No entanto, Lopes (1995) demonstra uma nova geração de intelectuais africanos não perdem de vista a necessidade de realizar análises cada vez mais da próxima realidade vivida. Esses historiadores são Abdoulay Bathily no Senegal, Laurent Glahbo na Costa de Marfim, Jay Naidao na África de Sul, Stan Mudingue no Zimbabwe, Alpha Konaré no Mali. Eles compreenderam a necessidade de reinvidicação identitaria antes de chegarem as rédeas do poder político, de qualquer forma evidenciam a interdependência entre arena política e arena histórica. É bom salientar que esses intelectuais procuraram como forma desmistificar os estereótipos narrados pelo colonizador, ao visitarem o passado apresentando os africanos como os primeiros homens da habitarem a terra, afinal os esqueletos humanos mais antigos foram descobertos na África.

CONCLUSÕES

A História é um dos instrumentos que pode nos ajudar na desconstrução de qualquer que seja o discurso sem fundamento. Deste modo que vem aumentando o número de historiadores que acham por bem explicar história da África para os Africano e também para os Europeus. Assim, uma geração de historiadores se apegaram a ideia contar a

verdadeira História da África, para CEA o manual é feito como forma de fazer com que as pessoas percebem decifrar História contado pelo Europeus, em referente ao continente Africano, isso era grande preocupação que constituía a fundação de centro de estudo Angolano, qualquer que seja individuo deve preocupar em conhecer a sua História de modo lhe permitir afirmar como um patriota digno e conhecendo a sua Historia

AGRADECIMENTO

Agradeço FUNCAP por ter financiado a Bolsa de Produtividade para o desenvolvimento de pesquisas no interior do Estado – BPI; a UNILAB pelo possibilidade do aprendizado e a professora Larissa Oliveira Gabarra, pela coordenação do projeto “Uso e sentido de Kongo nos discursos nacionalistas da RDC e Angola”, em que esse trabalho está inserido.

REFERENCIAIS

FIGUEIREDO, Fábio Baqueiro. Entre raças, tribos e nações: os intelectuais do Centro de Estudos Angolanos, 1960-1980. Tese defendida no programa de pós-graduação do Centro dos Estudos Africanos – UFBA. Salvador, 2012.

CENTRO DE ESTUDOS ANGOLANOS. História de Angola. Argélia: MPLA, julho, 1965.

FARIAS, Paulo Fernando de Moraes. “Tombuctu: A África do Sul e o Idioma Político de Renascença Africana”. Seminário FUNAG-IPRI sobre a África. Palácio Itamaraty Rio de Janeiro, janeiro, 2007.

LOPES, Carlos. A Pirâmide Invertida: Historiografia feita por africanos. In: Actas do Colóquio “Construção e ensino da História da África”. Lisboa: Ministério da Educação: Linopazas, 1995.